

# O DESAMPARO HUMANO E A ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA EM NIETZSCHE E SARTRE

Renan Soares Esteves<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo do presente trabalho é traçar relações entre o pensamento do filósofo francês Jean-Paul Sartre e a filosofia do pensador alemão Friedrich Nietzsche, explicitando alguns pontos em comum nas reflexões de ambos sobre a condição humana e suas propostas éticas. Como resultado, percebe-se que ambos os autores admitem a inexistência de um sentido a priori para a existência humana, o que implica na arbitrariedade dos valores morais e na liberdade da criação humana para significar a existência a seu próprio modo. Para reforçar tais considerações, abordamos o trabalho de Christine Daigle (2004), a qual destaca, sobretudo, dois elementos em comum entre ambos os pensadores: o niilismo como ponto de partida filosófico e a resposta à questão acerca do sentido da vida humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética. Nietzsche. Sartre. Niilismo. Sentido da vida.

**ABSTRACT:** The aim of the present work is to trace relations between the thought of the French philosopher Jean-Paul Sartre and the philosophy of the German thinker Friedrich Nietzsche, explaining some points in common in the reflections of both on the human condition and its ethical proposals. As a result, it is clear that both authors admit that there is no a priori meaning for human existence, which implies the arbitrariness of moral values and the freedom of human creation to mean existence in its own way. To reinforce these considerations, we approach the work of Christine Daigle (2004), who highlights, above all, two elements in common between both thinkers: nihilism as a philosophical starting point and the answer to the question about the meaning of human life.

**KEYWORDS:** Ethics. Nietzsche. Sartre. Nihilism. Meaning of life.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Filosofia pela UFC e, atualmente, mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFC na linha de pesquisa Filosofia da Linguagem e do Conhecimento. E-mail: renan.soares.e@gmail.com.

## 1 Introdução

Qual é o sentido da vida? Tal pergunta se refere à existência humana e questiona qual seria a razão ou a finalidade desta. Se a existência humana possui uma razão de ser, então o homem também possui um dever-ser, um modo como deve se comportar para cumprir com a sua finalidade pré-estabelecida. Para muitas pessoas a resposta à essa pergunta é óbvia. Tal resposta encontra-se nas tradições e nos costumes dos povos que naturalizam significações, crenças, atitudes e comportamentos, como se estes remetessem a uma essência do que seria o homem. Contudo, a pergunta se refere ao homem em geral, à existência de todos os homens. Se existem diferentes respostas de diferentes povos para como o homem deve ser, então qual é a resposta correta para se escolher? Qual é a cultura que apresenta a essência do homem em geral? O que o Relativismo Cultural pode nos mostrar? Das duas uma: ou a humanidade possui alguma cultura que define de fato o para-quê do homem ou não existe uma essência capaz de definir o sentido da existência humana.

Tal questionamento introduzido acima está no âmbito da corrente filosófica conhecida como *Existencialismo*, a qual vai centrar na existência humana a reflexão filosófica. Este movimento teve início historicamente no século XIX, com a obra do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), e se desenvolveu e popularizou no século XX, destacando-se no período após as Guerras Mundiais. Dentre as principais temáticas trabalhadas pelos filósofos existencialistas podemos citar o abandono do homem sobre a terra, a liberdade humana, o Absurdo, a solidão e a autenticidade.

O objetivo do presente trabalho consiste em destacar quais são os pontos em comum entre os pensamentos de Nietzsche e Sartre. Para tanto, serão utilizadas obras que tratam da temática existencial e de propostas éticas. Segundo Daigle (2004), esses pensadores tem o mesmo ponto de partida filosófico: o niilismo. Além disso, para a referida autora, ambos dão uma resposta similar ao problema aberto pelo niilismo, a questão do significado da existência.

## 2 O Desamparo em Sartre

Em seu texto *O existencialismo é um humanismo*, Sartre considera inicialmente que o Existencialismo é “[...] uma doutrina que torna a vida humana possível, e que declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana”. Em seguida, o filósofo francês faz uma distinção entre dois tipos de existencialistas: os cristãos (Jaspers e Gabriel Marcel, por exemplo) e o ateus (Heidegger e o próprio Sartre). Por mais que hajam diferenças entre essas

vertentes, Sartre afirma que ambas partem de uma noção comum: a de que, no homem, “a existência precede a essência”. Esta premissa tão conhecida significa tão somente que o homem não possui uma essência que o defina de modo anterior à sua existência, de modo que o homem primeiro existe para depois se definir, ou seja, construir sua própria essência.

Como Sartre é um partidário do Existencialismo ateu, ele defende que Deus não existe e que isso deve ser levado até as suas últimas consequências para a condição humana. Sartre defende que não há uma natureza humana, já que não há um deus para concebê-la. O que existe é uma realidade humana que consiste no fato de que “O homem não é passível de definição porque, no início, não é nada – só depois será alguma coisa e será aquilo que fizer de si mesmo”. Nesse contexto, o pensador francês propõe que o primeiro princípio do seu existencialismo é que o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. Dessa forma, está no homem a posse e, conseqüentemente, a responsabilidade sobre o seu ser. O homem escolhe a si mesmo, mostrando a sua liberdade e tornando-se responsável pelo que é.

Além disso, Sartre afirma que quando escolhemos a nós mesmos, escolhemos uma imagem de como o homem em geral deveria ser, de modo que adquirimos responsabilidade sobre toda a humanidade e deveríamos pensar como seria se todos agissem como agimos. Nesse momento, surge a *Angústia*, chamada por Kierkegaard de angústia de Abraão, a qual é o sentimento considerado a marca da liberdade, pois através das minhas ações sou responsável por toda a humanidade. A Angústia constitui a própria condição da ação, pois diante de opções de escolha não podemos prever todas as consequências das nossas decisões.

Outra noção fundamental do existencialismo sartreano é o conceito de *Desamparo*, o qual é a marca da condição humana. Se não podemos contar com a existência de algum bem a priori, não há algo que justifique as nossas ações. Como diz Sartre, citando Dostoiévski: “Se Deus não existisse, tudo seria permitido”. Nesse momento do texto, Sartre decreta ao homem a sua condenação à liberdade:

O homem está desamparado porque não encontra nada a que se agarrar [...] nada poderá ser explicado em referência a uma natureza humana. [...] não existe determinismo, o homem é liberdade. Não existem valores prontos que possam legitimar a nossa conduta. [...] Estamos sós, sem desculpas. [...] O homem está condenado a ser livre (SARTRE, 1987, p. 7).

Ainda no mesmo texto, Sartre evidencia a realidade da condição humana encarada de um ponto de vista niilista, destacando o homem enquanto artista de sua própria existência e criador de seus próprios valores:

Temos que encarar as coisas como elas são. E, aliás, dizer que nós inventamos os valores não significa outra coisa senão que a vida não tem sentido a priori. Antes de alguém viver, a vida, em si mesma, não é nada; é quem a vive que deve dar-lhe um sentido; e o valor nada mais é do que esse sentido escolhido (SARTRE, 1987, p. 17).

Nessa passagem, percebemos que Sartre evidencia a relação entre sentido e valor: o sentido dado à vida está diretamente relacionado aos valores que vão guiá-la. Em seguida, apresentaremos partes do pensamento de Nietzsche que mostram semelhanças com as reflexões do referido filósofo francês.

### 3 A origem e a superação dos valores morais em Nietzsche

Em sua obra *A Genealogia da Moral*, o pensador alemão Friedrich Nietzsche se propõe a fazer uma investigação sobre as origens da moral – entendida como o conjunto de normas de uma sociedade que determinam o que é o certo e o errado, o bem e o mal. Já no prefácio da referida obra, Nietzsche afirma seu alvo através de questionamentos fundamentais: “sob que condições inventou-se o homem aqueles juízos de valor, bom e mau? E que valor tem eles mesmos?” (NIETZSCHE, 1978, p. 298).

O pensador alemão afirma, na primeira dissertação da obra, que a moral é uma criação humana e que, historicamente, existia uma moral nobre, na qual os homens poderosos primeiro se afirmavam como bons para depois julgar os outros que não participavam de suas características, os plebeus e comuns. Dessa forma, para Nietzsche, foi o sentimento de superioridade de uma classe dominadora em relação a uma inferior que determinou a origem da oposição entre bom e mau.

Por outro lado, Nietzsche afirma que, em contraposição a essa moral nobre, surge uma moral de rebanho, na qual os homens inferiores, os escravos, primeiro negam os juízos de valor aristocráticos para depois se afirmarem como os bons, invertendo os valores morais para que os humildes, os necessitados e os doentes sejam considerados os bons. Nesse contexto, os homens nobres e poderosos são considerados maus, ímpios e condenados. O pensador alemão considera este movimento reativo como uma vingança dos escravos na moral, a qual começou a ser realizada pelos judeus e alcançou o seu pleno desenvolvimento e consolidação no cristianismo.

Na segunda dissertação da referida obra, Nietzsche mostra que essa moral de rebanho desenvolve uma técnica para criar um animal capaz de fazer promessas, o qual estaria assombrado pela “*má consciência*”, o sentimento de culpa que o obriga a cumprir um dever para que não sofra um castigo. Em verdade, a má consciência é um mecanismo eficiente de controle do

comportamento do indivíduo, pois nela a consciência acusa a si mesma, sofrendo um constrangimento de modo interior que determinará o seu comportamento exterior. Após dissecar este mecanismo de tornar o comportamento individual calculável, Nietzsche afirma que os ideais sob os quais impera a má consciência são hostis à vida e à natureza, pois negam os instintos do indivíduo e, aspirando a um além, negam a própria realidade sensível.

Já na terceira dissertação, Nietzsche explana sobre o ideal ascético, o qual, para ele, demonstra um fato fundamental sobre a vontade humana: o seu horror ao vácuo. O ascetismo é uma doutrina segundo a qual devemos nos abster dos prazeres corporais em prol de um desenvolvimento espiritual e moral. O pensador alemão, então, defende que a vontade humana necessita de uma finalidade e que o ideal ascético mostra que o homem prefere querer o nada do que nada querer. Nesse contexto, Nietzsche salienta que o sacerdote – representante do ideal ascético – aplica aos doentes, deprimidos e amargurados, um treinamento de penitência que os “levaria” a uma redenção, mas este treinamento, na verdade, os tornaria mais doentes, gerando um sistema nervoso mais abalado e, possivelmente, epidemias de epilepsia (o autor cita casos históricos, como os dançarinos de São Guido na Idade Média). Através do ressentimento, o sacerdote redireciona a finalidade da vontade dos doentes para uma dimensão contra a natureza e contra os seus próprios prazeres corporais.

No final da referida obra, Nietzsche evidencia a sua visão sobre a condição humana e sobre o que significa o ideal ascético:

Que se desconte o ideal ascético e o homem, o animal homem, não teve, até agora, nenhum sentido. Sua existência sobre a terra não conteve nenhum alvo: “Para que existe o homem?” – era uma pergunta sem resposta; a vontade de homem e terra faltava; por trás de cada destino humano soava como refrão um ainda maior “Em vão!” (NIETZSCHE, 1978, p. 324).

Diante da inexistência de uma finalidade para a existência humana, o ideal ascético representa uma justificação do sofrimento humano sobre a terra. Para Nietzsche, o problema do homem não consiste em sofrer, mas em não ter algo que justifique o seu sofrimento. Dessa forma, o ideal ascético preenche essa lacuna explicativa característica da condição de existir do homem, mesmo que, para isso, seja necessário negar a própria individualidade.

Em contraponto a esta postura ascética diante da condição humana, Nietzsche propõe uma superação dos valores morais e de entidades metafísicas, exaltando a liberdade do indivíduo que age, conforme a própria vontade, livre da má consciência. Tal proposta é colocada em sua obra *Assim Falou Zaratustra*:

[...] Querer liberto: eis a verdadeira doutrina da vontade e da liberdade – assim Zaratustra a ensina a vós. [...] Para longe de Deus e deuses me atraiu essa vontade; o que haveria para criar, se deuses – existissem! [...] A beleza do além-do-homem veio a mim como sombra. Ai, meus irmãos! Que me importam ainda – os deuses! – Assim falou Zaratustra (NIETZSCHE, 1978, p. 235).

#### 4 A relação entre Nietzsche e Sartre segundo Christine Daigle

Segundo Christine Daigle (2004), Sartre retoma algumas ideias nietzscheanas, sendo essas: a inocência moral do mundo e a relatividade das noções de bem e mal, que são vistas não mais como absolutas e objetivas, mas como frutos da razão humana. Para a referida autora, a abordagem de Sartre é bastante semelhante à de Nietzsche. O ponto de partida comum é o niilismo, mas se é o mesmo em ambos os pensadores, não se manifesta da mesma maneira. O niilismo militante de Nietzsche se torna um niilismo passivo em Sartre: ele é o herdeiro de uma onda de niilismo ativo que ocorreu antes dele.

Em Nietzsche, tal como exposto por Daigle, o niilismo diagnosticado e aquele que é defendido são muito diferentes. O niilismo deficiente da tradição metafísico-religiosa, nascido do Idealismo Platônico e do Cristianismo, nega o ser humano e sua vida através das incontáveis restrições que ele impõe ao ser humano e do forte peso que coloca na transcendência. Este nega toda a relevância à imanência. Ele também tem um impacto negativo, porque distingue entre um mundo real e um mundo de aparências. O Idealismo platônico mantém uma divisão ilusória entre o mundo inteligível e o mundo sensível e, portanto, desvaloriza o mundo no qual os humanos vivem<sup>2</sup>. A posição antropológica tradicional também é niilista, porque valoriza apenas certas partes do ser humano e, assim, é prejudicial à maioria dos aspectos do ser humano. O chamado “homem justo/moderado”, desejado pela tradição metafísico-religiosa, deve reprimir seus instintos, seus impulsos, suas emoções e, desse modo, nega metade de seu ser. A tradição metafísico-religiosa é duplamente niilista, pois rejeita o mundo dos fenômenos e, conseqüentemente, rejeita uma parte importante do que significa ser humano. A crítica de Nietzsche ao Cristianismo é uma parte integrante de sua crítica da tradição metafísico-religiosa. O Cristianismo segue essa tradição e atinge um clímax com o ideal ascético e sua ética da virtude impossível.

Como é exposto por Daigle (2004, p. 198), para remediar esse niilismo diagnosticado, Nietzsche propõe um niilismo mais complexo e devastador: seu próprio niilismo completo que

---

<sup>2</sup> Essa interpretação do pensamento platônico, como é sabido, não é ponto pacífico entre os comentadores de Platão. Apesar de amplamente disseminada, a visão segundo a qual existe uma divisão da realidade entre dois mundos, o mundo sensível e o mundo das ideias, no pensamento de Platão, alguns comentadores negam que tal divisão exista. Historicamente, essa visão foi difundida pelo platonismo que influenciou o cristianismo, como podemos perceber na obra de Santo Agostinho.

prescreve o ateísmo como um primeiro passo. Na tradição metafísico-religiosa, Deus é aquele que garante todo o sistema e se alguém rejeita Deus, todo o sistema fica sem fundamento. Esse ateísmo tem profundas consequências, já que a inexistência de Deus ameaçaria a vida humana com uma completa perda de sentido.

Como solução Nietzsche oferece seu próprio niilismo pleno. Ele julga a tradição metafísico-religiosa como a ordem alienante das coisas e desde que sua tradição está desmoronando, o niilismo pleno de Nietzsche tem como tarefa provocar sua inevitável destruição. Mas, segundo Daigle:

[...] uma vez que a reconstrução é seu objetivo final, Nietzsche deve primeiro eliminar tudo o que existia até agora, porque a libertação do jugo da ordem transcendente da tradição metafísico-religiosa apenas pode ser alcançada quando se atravessa esta para o fim da negação. Essa libertação tem sérias consequências: os seres humanos são abandonados no mundo, deixados sem um cuidador. Ninguém cuida deles, zela por eles, assume responsabilidade por suas ações, dá sentido à vida humana ou responde à mais crucial e fundamental das perguntas: qual é o sentido da vida? (DAIGLE, 2004, p. 199).

O niilismo pleno de Nietzsche é ativo e pode resultar no homem não encontrando significado em lugar algum. Uma interpretação entrou em colapso. Mas porque essa foi considerada a interpretação, agora parece que não existe nenhum sentido na existência, como se tudo fosse em vão. O próximo passo é construtivo: consiste em fornecer uma resposta à questão do sentido da vida para que os humanos possam sobreviver ao seu abandono.

Como é destacado por Daigle, a abordagem de Sartre é similar. Ele reconhece a natureza alienante da tradição metafísico-religiosa. Afirmando seu ateísmo, e a necessidade do ateísmo para todos os seres humanos, ele propõe o niilismo como uma solução. A principal diferença entre Nietzsche e Sartre está no tom e na maneira de seus niilismos plenos. Nietzsche ataca uma tradição em ruínas, enquanto Sartre já a encontra em ruínas. Ele não sente que precisa de mais críticas. O niilismo militante de Nietzsche não é mais necessário e Sartre, como um herdeiro solícito de um niilismo muito ativo, pode adotar uma atitude mais passiva. Ele concorda com Nietzsche a respeito do aspecto alienante da tradição metafísico-religiosa.

Eles também concordam no ateísmo. Sartre considera a morte de Deus uma genuína libertação para o homem. Daigle (2004, p. 200) destaca que isso é expresso em textos literários de Sartre, como *As moscas*. É uma verdadeira libertação, mas condena uma pessoa à liberdade. Uma vez que Deus não é mais responsável por este mundo e esta vida, a pessoa humana deve assumir total responsabilidade por sua vida. A morte de Deus implica que os seres humanos devem se encarregar da tarefa divina de atribuir significado. O fato de Deus não mais existir tem sérias consequências, mas Sartre concorda com Nietzsche que este é o preço que se deve pagar por um

novo começo: uma reconstrução. A morte de Deus, que é equivalente à morte de toda transcendência, é “a abertura do infinito”: o infinito das possibilidades humanas.

O fato de que Deus está morto e que a antiga ordem das coisas desmoronou significa libertação para os seres humanos e o fim de sua alienação, mas também significa assumir uma importante responsabilidade: a de atribuir sentido à vida e ao mundo. Portanto, a rejeição da visão de mundo tradicional imediatamente levanta a questão do sentido da vida.

Segundo Daigle, essa questão possui uma certa “lógica interna”. Quando alguém pergunta a questão, entra-se primeiro em um período de dúvida e se pergunta: “A vida tem um significado?” Se a resposta é não, abandona-se a investigação e se cai num estado de desespero (falta de esperança). Mas se a resposta é sim, a próxima questão vem à tona: “Quem é o provedor de significado?” e, finalmente, pergunta-se: “Qual é o sentido da vida?”, isto é, qual é a ordem particular das coisas na qual uma pessoa encontra seu lugar e uma justificação para sua vida?

O provedor de significado é fundamental, porque sem ele, a ordem é deixada sem um fundamento. Tanto Nietzsche como Sartre rejeitam o provedor de significado da visão de mundo tradicional, isto é, Deus. A rejeição deles da tradição como um todo tem grandes consequências. Não é apenas a questão do significado que se levanta novamente, mas a Ética se torna problemática. A primeira deve encontrar uma nova resposta e, posteriormente, a Ética deve receber uma nova base na qual possa ser reconstruída. Dado que a questão do significado é fundamental e fornece a visão de mundo necessária para a elaboração de todo o resto: ontologia, antropologia e ética, a sua solução precisa ser cuidadosamente estudada.

Para a referida comentadora, essa questão pode ser respondida de modo pessimista ou de modo otimista. A resposta pode ser pessimista de duas formas. Ou se diz que não existe nenhum sentido para a vida ou se diz que existe um sentido, mas este é inacessível a nós, porque não podemos conhecer o que ele constitui. Uma resposta otimista propõe não apenas que existe um sentido para a vida, mas também que podemos descobri-lo. Na visão de Daigle, Nietzsche e Sartre são otimistas, uma vez que para ambos a vida tem sentido e o homem pode conhecer qual é, já que ele é o provedor de significado.

Ainda nesse contexto, Daigle expõe que, por diferentes razões, Nietzsche e Sartre iniciam dizendo que o mundo é absurdo e sem sentido. Nietzsche fala de uma inocência do vir-a-ser, um termo não usado por Sartre embora a noção esteja presente em seu pensamento. Essa fórmula explica o mundo, o universo e, indiretamente, o ser humano como uma parte do universo. O mundo e seu vir-a-ser são fenômenos inocentes aos quais o homem realmente não tem acesso. Esses

fenômenos inacessíveis são inocentes na medida em que eles são simplesmente matéria mecânica sem pensamento, sem julgamento, sem objetivos e, portanto, são irresponsáveis. Contudo, uma vez que o ser humano se torna consciente dessa matéria mecânica, ele começa a pensar, o que resulta em discernimento e julgamento. Os juízos de valor proferidos são tais que “bom” e “mau” passam a ser ligados ao mundo e seu vir-a-ser, e este não é mais inocente. Mas isso é tudo ação do ser humano e não constitui uma característica do mundo.

Em Sartre, o processo é semelhante mesmo que ele não o chamasse assim. Segundo Daigle, na obra *A náusea*, é a indiferença do mundo da matéria que é intrigante e nauseante. A descoberta desse estado de coisas, pelo personagem Roquentin, também provoca raiva em relação ao mundo indiferente e absurdo.

O seu desespero e a raiva de Roquentin mostram que a absurdidade do mundo é muito pesada para ser suportada. Nesse sentido, a noção de inocência do vir-a-ser existe também em Sartre. Porém, não deve ser entendida como nos fazendo ser completamente irresponsáveis. A inocência do vir-a-ser alia-se à noção de responsabilidade absoluta, e implica que o ser humano deve se tornar consciente de que ele é o criador do mundo, de si mesmo e de sua vida. Não apenas deve estar consciente disso, como também deve aceitá-lo, já que é o provedor de significado. Ele é responsável por tudo, incluindo a existência do mundo, uma vez que é pela sua presença e percepção que o mundo ganha realidade. O mundo precisa do homem para existir. É claro que isso não significa que o homem é o criador do mundo físico bruto que sempre existia. O humano é simplesmente jogado neste mundo absurdo. Uma vez que as pessoas são criadoras do mundo humano, o mundo significativo, pode-se dizer que o mundo precisa dos seres humanos para existir como significativo ao ser humano.

Portanto, segundo a referida comentadora, porque ambos dizem que o mundo a priori é sem sentido por si mesmo e que nós fornecemos sentido a ele, em nossa interpretação, nosso ato criativo, nós devemos definir esse ato criativo. Ambos primeiramente estabelecem significado através da arte.

Na obra *o Nascimento da Tragédia*, Nietzsche afirma que “é apenas por um fenômeno estético que a existência e o mundo são eternamente justificados”. Embora algumas passagens possam nos levar a acreditar que Nietzsche está falando da criação artística em um sentido estrito, ele está de fato falando da criação num sentido amplo. Nesse sentido, a autora destaca a passagem em que Nietzsche afirma que existe apenas um olhar perspectivo, apenas um conhecimento perspectivo. O mundo é sempre resultado de um certo ato criativo. Essa criação deve ser artística?

Não necessariamente. A criação do mundo, o produto do contato original entre o homem e o mundo, é uma criação, mas não simplesmente uma criação artística. É uma transformação do mundo, de um mundo físico bruto para o mundo humano com sentido. Contudo, essa transformação não é do mesmo tipo que aquela que encontramos numa obra de arte. Além disso, Nietzsche não diz que a vida e o mundo são justificados como obra de arte, mas como fenômenos estéticos. A escolha de palavras feita por Nietzsche é intencional e leva-nos para uma noção mais ampla de criação.

Por sua vez, em *Assim Falou Zaratustra*, como é considerado por Daigle, a pessoa com vontade de potência, isto é, a pessoa que se supera continuamente, aquela que se recria constantemente, tem uma existência significativa, a qual está justificada por seu movimento de criação. A vida tem sentido se esta é dinâmica e criativa por si só. O homem deve se tornar um além-do-homem para ele mesmo. Ele deve transformar a si mesmo para se tornar um além-do-homem, ele deve criar a si mesmo como além-do-homem. "O homem como fenômeno estético" é justificado e, conseqüentemente, o homem que cria a si mesmo como um além-do-homem é justificado. A chave da questão do significado em Nietzsche é a noção de criação: de si mesmo, da vida, do mundo e do significado de tudo isso.

Por outro lado, na obra *A náusea*, segundo Daigle, parece que Sartre justifica a vida apenas através da arte. O personagem Roquentin descobre a absurdidade do mundo e sua própria absoluta contingência. Nem a sua presença nem a sua existência são necessárias, significantes ou justificadas. Ele está, como qualquer outro ser, apenas ali. "Tudo é gratuito.", incluindo ele mesmo, os outros, o mundo. Esse é o mundo da contingência. A experiência da arte como um expectador não justifica a existência ou o mundo. Deve-se ser um artista, um criador. E essa é a resposta que a Náusea fornece à questão do significado. O mundo e a existência são absurdos em si mesmos, somos contingentes e tudo é gratuito, mas pela arte, através da criação artística, podemos justificar nossa existência.

O ser humano deve dar sentido ao ser através da ação, através da criação. Desse modo, no pensamento sartreano, a consciência modifica o mundo em si mesmo usando o ser para o seu projeto. Esse mundo modificado, em troca, ensina a consciência o que ela é. Como o mundo-para-a-consciência se modifica continuamente sob as ações da consciência, essa perpétua criação corresponde a uma criação perpétua da consciência e do ser humano. Para resumir, nas palavras de Daigle, pela ação no mundo, a consciência cria o mundo e a si mesma, dá significado ao ser e realiza seu dever, sua missão de substituir o deus morto como provedora de significado.

Ao criar o mundo através da ação, a consciência dá sentido ao ser e o salva da absurdidade e do ser sem sentido. A justificação do ser resulta do fato de que este empresta seu ser ao projeto da consciência. A partir disso, Daigle afirma que a criação, em Sartre, é entendida num sentido amplo, é a ação em geral, o projeto humano, a relação entre o humano e o mundo. Essa noção de criação ainda apresenta a criação como a chave para responder à questão do significado.

## 5 Considerações finais

Conforme o exposto, é possível afirmar que Sartre foi um herdeiro de Nietzsche, já que sua filosofia existencialista mostra pontos presentes no pensador alemão: o niilismo que marca o rompimento com uma tradição ascética e a criação humana como solução para a questão do sentido da vida que emerge da absurdidade do mundo.

Tal herança intelectual é perceptível através da comparação entre diferentes obras, seja entre textos literários, seja entre textos filosóficos. Sendo, assim, uma afirmação com fundamento.

## REFERÊNCIAS:

DAIGLE, Christine. Sartre and Nietzsche, *Sartre Studies International*, v. 10, n. 2, 2004, p. 195-210.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun; tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho; posfácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Abril Cultural, 1987.